

# Políticas Públicas NA Educação BRASILEIRA

Diversidade

Atena Editora



Atena Editora

**POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA:  
DIVERSIDADE**

---

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Edição de Arte e Capa:** Geraldo Alves

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

Profª Drª Adriana Regina Redivo – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Pesquisador da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez – Universidad Distrital de Bogotá-Colombia  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª. Drª. Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª. Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª. Drª. Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
P769	Políticas públicas na educação brasileira: diversidade / Organização Atena Editora. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 227 p. : 2.528 kbytes – (Políticas Públicas na Educação Brasileira; v. 1)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-93243-76-9 DOI 10.22533/at.ed.769182003  1. Educação e Estado – Brasil – Multiculturalismo. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação inclusiva. I. Série.  CDD 379.81
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

E-mail: [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## Sumário

### **CAPÍTULO I**

A AFIRMAÇÃO DOS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA NEGRA E A LEI 10.639/03

Érica Monale da Silva Gomes, Paula Paulino da Silva, Suzana dos Santos Cirilo e Ivonildes da Silva Fonseca..... 5

### **CAPÍTULO II**

A ANTROPOLOGIA COMO PONTO DE REFLEXÃO SOBRE A DIVERSIDADE NOS CURSOS DE DIREITO

Rafael Gomes da Silva Carneiro e Brenno Fidalgo de Paiva Gomes .....16

### **CAPÍTULO III**

A ESCOLA DO CAMPO E OS SURDOS CAMPONESES: IMPASSES E POSSIBILIDADES FRENTE À INCLUSÃO ESCOLAR

Tamires de Campos Leite e Nágib José Mendes dos Santos.....25

### **CAPÍTULO IV**

A LITERATURA AFRICANA NO ENSINO DE HISTÓRIA: CONSTRUINDO PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA EM SALA DE AULA

Edmar Ferreira Santos .....35

### **CAPÍTULO V**

A POLÍTICA DE IGUALDADE DE GÊNERO NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS: ASPRIMEIRAS ASPIRANTES NA ESCOLA NAVAL

Hercules Guimarães Honorato.....48

### **CAPÍTULO VI**

A PRODUÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA ESCOLA DO CAMPO: CAMINHOS METODOLÓGICOS PERCORRIDOS

Maysa Conceição de Farias Albuquerque, Emanuelle de Oliveira Belisario e Maria Joselma do Nascimento Franco ..... 60

### **CAPÍTULO VII**

ARTE E CONSCIÊNCIA NEGRA: PRODUÇÃO DE SABERES NA INTERFACE ESCOLA E TERREIRO DE UMBANDA

Brenno Fidalgo de Paiva Gomes, Lílian Gabriella Castelo Branco Alves de Sousa e Rafael Gomez da Silva Carneiro ..... 73

### **CAPÍTULO VIII**

BOA ALUNA, MAU ALUNO

Hellen Cristina de Oliveira Alves .....81

### **CAPÍTULO IX**

CONCEPÇÕES DA PROPOSTA CURRICULAR E A PRÁTICA DE SALA DE AULA SOBRE A TEMÁTICA DA DIVERSIDADE EM UMA ESCOLA DA ZONA RURAL DE SÃO LOURENÇO DA MATA – PE

Joel Severino da Silva e Luciana Menezes de Lima Mendes .....87

### **CAPÍTULO X**

DOMINAÇÃO MASCULINA E ESCOLA PÚBLICA

Alan Isaac Mendes Caballero .....98

## **CAPÍTULO XI**

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: UMA REFLEXÃO DA PRÀXIS PEDAGÓGICA QUE LEVAM AS ATITUDES DISCRIMINATÒRIA

Suely Marilena da Silva e Fernanda Carvalho Guimarães ..... 110

## **CAPÍTULO XII**

EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ENFOQUE DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL EM MURITIBA/BA

Osdí Barbosa dos Santos Ribeiro, Grasiela Lima de Oliveira, Maria Juliana Chaves de Sousa e Alessandra Alexandre Freixo ..... 128

## **CAPÍTULO XIII**

EDUCAÇÃO E INTERCULTURALIDADE: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE A INCLUSÃO DOS POVOS CIGANOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ENSINO BRASILEIRO.

Maria Raquel Alves da Rocha ..... 140

## **CAPÍTULO XIV**

EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE: UMA FRONTEIRA QUE NECESSITA SER DESFEITA

Anna Carla Ferreira de Araújo e Anna Cristina Ferreira de Araújo ..... 152

## **CAPÍTULO XV**

JOGOS COOPERATIVOS E O PROBLEMA DA COEDUCAÇÃO – REFLEXÕES DE GÊNERO NA ESCOLA

Cynthia Nery da Silva, Jéssica Dayane da Silva Martins, Rayane dos Santos Borges, Silvana Nóbrega Gomes e Lígia Luís de Freitas ..... 161

## **CAPÍTULO XVI**

O SILENCIAMENTO DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE: O AVANÇO DO CONSERVADORISMO NO BRASIL E NO RECIFE

Isabella Nara Costa Alves ..... 170

## **CAPÍTULO XVII**

O/A DOCENTE DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO/A MONITOR/A EM ALTERNÂNCIA

Grasiela Lima de Oliveira, Alessandra Alexandre Freixo e Osdí Barbosa dos Santos Ribeiro ..... 182

## **CAPÍTULO XVIII**

OS CONFETOS DAS BICHAS DOCENTES COMO MARCADORES DA HOMOSSEXUALIDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO

Roberto Vinício Souza da Silva, Rosemary Meneses dos Santos e Romário Ráwlyson Pereira do Nascimento..... 195

## **CAPÍTULO XIX**

RELAÇÕES RACIAIS NO ENSINAR A CUIDAR EM ENFERMAGEM: DESAFIOS E OS POSSÍVEIS AVANÇOS NESSE CAMPO DE CONHECIMENTO

Valdeci Silva Mendes e Candida Soares da Costa..... 208

**Sobre os autores.....222**

## **CAPÍTULO XVIII**

### **OS CONFETOS DAS BICHAS DOCENTES COMO MARCADORES DA HOMOSSEXUALIDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO**

---

**Roberto Vinicio Souza da Silva  
Rosemary Meneses dos Santos  
Romário Ráwlyson Pereira do Nascimento**

## OS CONFETOS DAS BICHAS DOCENTES COMO MARCADORES DA HOMOSSEXUALIDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO

### **Roberto Vinicio Souza da Silva**

Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí UESPI – Campus Parnaíba – Vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Juventudes (NEPJUV/UFPI-Parnaíba)

### **Rosemary Meneses dos Santos**

Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Castelo Branco – RJ – Especialista em Libras pela Faculdade de Ciências e Tecnologia de Teresina – FACET/CCTP e Especialista Psicopedagogia pela ISEPRO em Parnaíba. Professora do Município de Tutóia - MA

### **Romário Ráwlyson Pereira do Nascimento**

Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí UFPI – Campus Parnaíba – Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí UFPI – Vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação, Gênero e Cidadania (NEPEGEI) – Professor do Município de Luis Correia - PI

**RESUMO:** Esta pesquisa discute os paradigmas que demarcam as fronteiras para além da heterossexualidade, este cenário, nesta pesquisa foi explorado tendo como objetivo geral: Identificar quais os confetos são produzidos pelos professores gays sobre homossexualidade na educação. Enquanto que os específicos são: a) Perceber as tensões entre homossexualidade e heterossexualidade. b) Mapear os saberes construídos sobre a homossexualidade do professor. c) Identificar os desafios que reverberam sobre a figura do professor gay nos espaços educativos. Para isso se fez necessário enquanto método de pesquisa a Sociopoética, a técnica utilizada para a produção dos dados foi: o Parangolé, com o desdobramento do Maracatu. Para fomentar a discussão utilizou-se principalmente: Foucault (1988), Gauthier(2004), Nascimento (2014), Silva (2017), Louro (2004), entre outros. Nas pesquisas sociopoéticas são produzidos confetos (conceito+afeto), neste trabalho podemos citar: Labirinto-não-conseguir-respirar, Buraco Zona de Conforto, Essa coisa de se assumir e Me abrir pra conversar. Essas metáforas constroem as tramas das Bichas Docentes no espaço da educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espaço escolar. Confetos. Homossexualidade.

## 1- INTRODUÇÃO

Este texto que segue é um recorte da pesquisa: A SOCIOPOÉTICA DAS BICHAS DOCENTES NOS LABIRINTOS DA HOMOSSEXUALIDADE. O trabalho na íntegra discute enquanto tema-gerador: a homossexualidade docente. Durante o texto utilizamos a expressão “Bichas Docentes”, para tanto nos apropriamos da política *Queer*, portanto, essa expressão não ganha uma conotação pejorativa, mas o contrário: afirmativa.

Entendemos que refletir sobre (homo) sexualidade e prática docente é um enorme desafio, porque sobre esses eixos temáticos reverberam inúmeras

“certezas”, paradigmas e tabus que constroem ou desconstroem os comportamentos, posturas e os contornos do próprio corpo e da identidade dos sujeitos.

Partindo deste contexto fluído e minado de conotações, estabelecemos como objetivo geral: Identificar quais os confetos são produzidos pelos professores gays sobre homossexualidade na educação. Enquanto que os específicos são: a) Perceber as tensões entre homossexualidade e heterossexualidade. b) Mapear os saberes construídos sobre a homossexualidade do professor. c) Identificar os desafios que reverberam sobre a figura do professor gay nos espaços educativos.

Para isso se fez necessário enquanto método de pesquisa a Sociopoética, a técnica utilizada para a produção dos dados foi: o Parangolé, com o desdobramento do Maracatu. Para fomentar a discussão utilizou-se principalmente: Foucault (1988), Gauthier(2004), Nascimento (2014), Silva (2017), Louro (2004), entre outros. Nas pesquisas sociopoéticas são produzidos confetos (conceito+afeto), neste trabalho podemos citar: Labirinto-não-conseguir-respirar, Buraco Zona de Conforto, Essa coisa de se assumir e Me abrir pra conversar. Essas metáforas problematizam a figura das Bichas Docentes no espaço da educação.

Ao percebermos este contexto, fica evidente as tensões estabelecidas entre homossexuais e heterossexuais. Para além de ser identidade fixas, como espaços que definem bichas e não bichas, entendemos que se trata de uma processo fluído, portanto, esses perfis são construídos nas relações cotidianas, são fronteiras, que podem ou não ser atravessadas, sobretudo pelo diálogo.

Por fim, esperamos refletir de forma crítica e reflexiva sobre os dilemas que tangenciam as Bichas Docentes na educação, será visibilizado as tramas “escondidas” e desnudaremos os marcadores da homossexualidade enquanto expressão que acontece e tangencia as relações dentro no âmbito educacional.

## **2- AS TENSÕES DISCURSIVAS ENTRE HOMOSSEXUALIDADE E HETEROSSEXUALIDADE**

No espaço escolar acessam diversos indivíduos, dentre eles professores e alunos, cada um com vivências específicas, saberes e experiências adquiridas, sobretudo no dia-a-dia. A partir da singularidade de cada pessoa a escola se torna um espaço múltiplo, no qual diferentes experiências se fundem, dialogam, em outros momentos, simplesmente se repelem, entram em conflito ou colapso. Na concepção de Dayrell (1996) que a escola deve ser compreendida como uma construção social, portanto, é indispensável perceber está instituição como sendo um espaço sociocultural.

Esse contexto plural da escola, não é tão simples de ser compreendido, as normativas impregnadas no tecido social, reverberam “aceitando” e/ou “proibindo” as diversas expressões sociais, culturais e históricas. Algumas vezes as multiplicidades encontram dificuldade em coexistir, “os “outros”, os diferentes, muitas vezes estão perto de nós, mas não estamos acostumados a [...] e interagir com eles”. (CANDAUI, 2008, p. 31)

De forma geral tanto na escola quanto na família há uma lógica de sutileza e do silêncio quando o assunto é (homo) sexualidade. Aprendemos a naturalizar que “esta discussão deve ficar restrita apenas ‘ao quarto dos pais’” (FOUCAULT, 1988, p. 10). Como se a sexualidade estivesse caminhando em paralelos com nossas curiosidades e desejos.

Esses paralelos encontram diversos pontos de convergências e colisões, em todos os aspectos que essas expressões podem remeter. Para Foucault (1988) a sexualidade passa a ser “natural”, na privacidade e no segredo. A partir disso, Foucault postula o conceito de “hipótese repressiva”, esta expressão diz bastante sobre a forma como a sexualidade é “silenciada” nas relações sociais.

Não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica, nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que bem antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer desta interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito [...] A hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não [...] (FOUCAULT, 1988, p. 17)

Dessa forma se percebe que a sexualidade muitas vezes é inibida, sempre que se pretende elucidá-la e propor uma discussão aberta e esclarecedora, a sexualidade encontra fortes discursos fincados na “interdição, censura e negação” (FOUCAULT, 1988, p. 15). Esses mecanismos, efetivamente não estão vedando a construção/ (re) produção da sexualidade, quando não falamos estamos produzindo concepções “normais” e, portanto, excludentes.

Quando se pensa em “normal”, no âmbito da sexualidade, refere-se a heterossexualidade, ou seja a norma sexual a ser seguida, a norma que é consentida e ensinada dentro e fora da escola. No espaço escolar isto acontece quando os alunos aprendem “gestos, movimento, sentido são produzidos [...] incorporados por meninos e meninas, tornam-se partes de seus corpos. Ali se aprende a olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar, aprende a preferir”. (LOURO, 1997, p. 61). Apesar disso,

A heterossexualidade só ganha sentido na medida em que se inventa a homossexualidade. Então, ela depende da homossexualidade para existir. O mesmo pode ser dito em relação ao sujeito homossexual: sua definição carrega a negação de seu oposto. Ao dizer: eu sou heterossexual, um homem ou uma mulher acabam invariavelmente por ter de recorrer a algumas características ou marcas atribuídas ao homossexual, na medida em que ele ou ela precisam afirmar também o que não são. Do outro lado do par, o movimento será o mesmo: a homossexualidade precisa da heterossexualidade para dizer de si. Há uma reciprocidade nesse processo. A dicotomia sustenta-se numa única lógica. (LOURO, 2009, p. 89).

O binarismo homossexual/heterossexual é sempre marcado pelas fronteiras, em outras palavras, ao definir uma determinada identidade sexual, invariavelmente sujeito demarca as regiões fronteiriças. Isso significa dizer que

tanto a heterossexualidade quanto a homossexualidade foram inventadas. Embora a heterossexualidade “pareça ser algo natural” ela também é um produto da ação social humana tanto quanto a homossexualidade ou quaisquer outras práticas sexuais.

Além disso, quando nos referirmos a ambas como “inventadas”, estamos também querendo destacar que foram inventadas enquanto categorias ou ainda terminologias. Portanto, que fique claro, as relações sexuais “sempre” existiram e as experimentações dos corpos também, mas antes das “categorias” acima, não podemos nos referir à essas práticas como homossexuais ou heterossexuais.

Na concepção de Weeks (2000) a heterossexualidade e homossexualidade são expressões relativamente recentes, as invenções desses conceitos desencadeiam mudanças profundas e até emergenciais na delimitação e definições agudas da sexualidade. Foi no século XIX que essas terminologias foram criadas passando a estabelecer relações hierárquicas entre práticas sexuais. Essa invenção discursiva homossexualidade e da heterossexualidade, são marcadas por relações hierárquicas, excludentes e complementares, pois se por um lado compreendemos que uma categoria precisa da outra para existir, afinal a afirmação eu sou heterossexual não faria sentido se não houvesse um outro que se determinasse homossexual. Por outro lado, historicamente a heterossexualidade recebeu status de normalidade, inferiorizando a homossexualidade.

[...] Ou seja, à produção e à reiteração compulsória da norma heterossexual. Supõe-se, segundo essa lógica, que todas as pessoas sejam (ou devam ser) heterossexuais – daí que os sistemas de saúde ou de educação, o jurídico ou o midiático sejam construídos à imagem e à semelhança desses sujeitos. São eles que estão plenamente qualificados para usufruir desses sistemas ou de seus serviços e para receber os benefícios do Estado. Os outros, que fogem à norma, poderão na melhor das hipóteses ser reeducados, reformados (se for adotada uma ótica de tolerância e complacência); ou serão relegados a um segundo plano (tendo de se contentar com recursos alternativos, restritivos, inferiores); quando não forem simplesmente excluídos, ignorados ou mesmo punidos. (LOURO, 2009, p. 90).

A heteronormatividade pode ser compreendida como um conjunto de práticas sociais e educativas que buscam constante a partir das relações cotidianas levar os sujeitos a reconhecer a heterossexualidade como sendo o padrão a ser seguindo por todos. Contudo, conforme Louro (2004) nos propõe, nem todos seguem as normas impostas existem corpos que subvertem as normas, não apenas a partir da homossexualidade, quaisquer práticas, vivências e identidades distantes da heterossexualidade são consideradas transgressões. Existem aqueles que se adequam ou que desejam experimentar em seus corpos marcadores da transgressões, entre uma decisão e outra, é necessário elucidar que cada pessoa pode viver os parâmetros que considera saudável.

Esses arranjos sociais, então em constante processo de mudança, logo é um “campo” minado para despertar: posições e oposições de ideias e de comportamento. De forma, assevera Louro (1997) é de extrema relevância recolocar

este debate no campo do social, sobretudo no que tange a educação, pois é nele que se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos.

### 3- A HOMOSSEXUALIDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO

A homossexualidade no ambiente escolar tem navegado sobre diversos marcadores de identidade, as proposições configuram ou desconfiguram constantemente o perfil dos sujeitos e isto é construído de diversas formas, quando presenciamos gestos, brincadeiras, expressões, entre outras possibilidades que se constroem no espaço da escola.

Em meio a essas relações na escola, são tecidos as tramas do “permitido” e “proibido”, para Peter Fry e Edward Macrae (1985) a homossexualidade ainda é tangenciada por muitas concepções reducionistas como pecado, falta de vergonha ou doença, entre outros bordões que se “manifestam” nas relações entre os sujeitos.

As relações entre homossexuais e heterossexuais, para Loiola (2009, p.43).

Nessa relação binária [...] há um scriptsocial a seguir, mediante determinação social, mesmo dentro de determinadas arbitrariedades. Pois a legitimidade de tal padrão nos papéis sociais e sexuais passa pela institucionalização da normalidade dirigida pela igreja, pela família e pelo Estado.

Desta forma fica evidente que a sexualidade é regulada, configurada, construída, em outras palavras, podemos entender como sendo um “dispositivo histórico” (FOUCAULT, 1988, p. 100). Para compreendermos melhor, podemos utilizar a metáfora da viagem.

A viagem transforma o corpo, o “carácter”, a identidade, o modo de ver, de ser e de estar[...] Suas transformações vão além das alterações na superfície da pele, do envelhecimento, da aquisição de novas formas de ver o mundo, as pessoas e as coisas. As mudanças da viagem podem afetar corpos e identidades em dimensões aparentemente definidas e decididas desde o nascimento (ou até antes dele).A declaração “É uma menina!” ou “É um menino!” também começa uma espécie de “viagem”, ou melhor, instala um processo que, deve seguir um determinado rumo, uma direção. (LOURO, 2015, p. 15).

Esta viagem que só pode ser contemplada dentro da experiência e da individualidade de cada uma e de cada um, ou seja, este é um processo extremamente subjetivo, compete a cada indivíduo delinear os contornos e objetivos da viagem. As construções que transformam e contornam a viagem e os diversos aspectos que circundam os eixos ida e volta, estão para além da visibilidade e das permissões sociais.

Considerando que na viagem há fronteiras, entre regiões, esses locais, no contexto de nossas reflexões “é lugar de relação, região de encontro, cruzamento e confronto [...] O ilícito circula ao longo da fronteira [...] Mesmo que existam regras,

que se tracem planos e sejam criados estratégias e técnicas haverá aqueles e aquelas que transgridem”.(LOURO, 2015, p.16)

A esses e aos demais tidos como “diferentes”, pouco importa discursos humanistas e esvaziados de sentido, principalmente: Respeito e tolerância. “Apesar do Impulso aparentemente generoso, a ideia de tolerância, por exemplo, implica também em uma certa superioridade por parte de quem mostra “tolerante”. Por outro lado, a noção de “respeito” implica um certo essencialismo cultural [...]” (SILVA, 2010, p.88).

Ao invés destes bordões “necessários”, sem dúvidas seria bem mais interessante discutir as diferenças entre os sujeitos. Assim estaríamos dando possibilidade para se “[...] pensar na pedagogia da diferença [...] Ela coloca no seu centro uma teoria que permite não simplesmente reconhecer e celebrar a diferença e a identidade, mas questioná-la” (SILVA, 2000, p. 100 e 101).

[...] A pedagogia das supostas diferenças em meio ao terrorismo indiferente; chamar ao outro para uma relação escolar sem considerar as relações do outro com os outros; e a produção de uma diversidade e uma alteridade que é pura exterioridade de nós mesmo; uma diversidade que apenas se nota, apenas se entende, apenas se sente. (SKLIAR, 2002, p.39)

Desta forma percebemos que as diferenças podem se problematizadas e discutidas de forma crítica e reflexiva, para além de discursos hegemônicos e excludentes. Para Candau (2008) mesmo que o “outro” esteja próximo a nós, não estamos acostumados a vê-los nem ouvi-los.

Apesar disso, os “outros”, existem!nos tocam, e são marcadores das diferenças. A homossexualidade docente é um indicativo das problematizações (in) visibilizadas no contexto da educação. Por vezes os professores gays, não consegue vivenciar sua sexualidade no espaço da educação, sobretudo pelo fato de serem “diferente”.

Por vezes esses profissionais, vivenciam o que podemos entender como sendo “**Sexualidade Enganchada**, na qual a pessoa não quer assumir o que ela é, e também quer sair do armário, mas não consegue [...]”. (NASCIMENTO, 2014, p. 125). Este é um enorme desafio aos professores. O medo de se “assumir” ocupa sempre uma tonalidade imponente.

Atrelado a isto podemos destacar a insegurança pela lógica que reverbera na sociedade, afinal ser professor gay, será enquadrado na conjugação que aprisiona o “diferente”, muitos não estão prontos para compreender/marcarem em seus corpos a “aceitação” e portanto decidem ficar no armário.

A ideia do Armário em concordância com Sedgwick(2007) é uma analogia interessante para se pensar o fator assumir ou não gay, portanto que fique claro este é um processo que deve ser discutido, cada pessoa possuem um tempo e uma subjetividade que irá orientar seus desejos e afetos.

A seguir é possível perceber na fala de uma Bicha Docente os desafios, medos e (des) prazeres que o estar no armário proporciona.

*O prazer das vivências ficou por longos tempos adormecidos no espaço na vida “privada”, ninguém nunca soube na época em que vez ou outra*

gozava da normativa, no entanto, adorava a subversão heterossexual. Eu tinha um amigo de adolescência que brincávamos de estudar juntos na casa dele, *reversávamos* a postura: professor. Foi um ensaio gozado sobre tornar-se bicha docente. De tudo que aprendi nessas aulas, não ousaria escrever aqui, até por que confesso que possivelmente escrever sobre elas não me traria tanto prazer quanto o que ainda insiste em tangenciar minhas lembranças. (SILVA, 2017, p. 22).

Apesar das buscas no armário, tornar-se uma Bicha Docente é sem dúvida uma decisão que precisa ser problematizada no espaço da educação, pois que diferença faz ser homossexual ou heterossexual quando pensamos as práticas desenvolvidas no espaço escolar? Não somos todos professores?

#### 4- AS METÁFORAS DAS BICHAS DOCENTES

A Sociopoética é um método de pesquisa com uma abordagem qualitativa que acredita na produção do conhecimento a partir do grupo pesquisador por meio de dispositivos artísticos e corporais que apontam diferentes formas de pensar uma determinada temática. Na Sociopoética não existe coleta de dados e sim a produção dos mesmos. Para tanto, de acordo com Adad (2014) é necessário uma determinada técnica de produção que envolve corpo e arte é elaborada e desenvolvida com o grupo pesquisador.

A seguir será apresentado alguns confetos produzidos pelas Bichas Docentes, para a produção dos dados foi utilizado a técnica do Maracatu com os desdobramentos do Parangolé. A técnica foi desenvolvida com 4 professores que a se afirmam homossexuais. Embora consideremos que uma delimitação em torno do público desta pesquisa pudesse trazer resultados diferentes, o foco desta pesquisa é de fato para além dos níveis e modalidades de ensino discutir quais as relações entre a prática docente e a identidade homossexual na educação.

Taremos um recorte da pesquisa realizada, especificadamente apresentaremos algumas metáforas criadas pelos copesquisadores para abordar as relações das suas vivências (homo)sexuais e com suas práticas docentes. A própria técnica de produção de dados era permeada de metáforas, como a metáfora do labirinto da homossexualidade e do buraco da homossexualidade. De acordo com Gauthier (2003) a metáfora serve para dar forma, contornam contextos e problematizar outros tantos, elas se constroem e traçam heterogêneas concepções (re) criam as conexões de sentido.

A produção de metáforas nas pesquisas sociopoéticas estar associada às próprias formas de como o grupo pesquisar produz seu pensamento, pois é a partir das afecções da arte no corpo que o pensamento é capaz de problematizar um determinado tema de múltiplas maneiras. Por isso na Sociopoética, chamamos os dados produzidos de confeto (conceito+afeto). Gauthier (2003) afirma que é uma característica das pesquisas sociopoéticas, que o grupo pesquisador produza confetos, em outras palavras que consiga estabelecer a relação entre conceito e afeto, esses confetos não são unívocos, e sim polifônicos, se configuram como sendo

um campo minado para a pluralidade, nisto consiste a problematização dos dilemas cotidianos.

Dessa forma a partir de agora, apresentaremos algumas metáforas que são confetos da pesquisa. Um dos primeiros achados da nossa pesquisa é que nem sempre é fácil ser Bicha Docente, isso fica expresso na metáfora: **labirinto-não-conseguir-respirar** que é quando a gente pensa na nossa sexualidade como algo tão pessoal intrínseco a cada pessoa. **Labirinto-não-conseguir-respirar** teria essa ligação direta com esses desafios que ao mesmo é individual é algo que você sabe que também é coletivo. Este confeto problematiza a relação entre o individual/privado e o coletivo/público que tangencia a sexualidade humana. Para Louro (2000) a sexualidade não passa unicamente pelo prisma do espaço privado ou público, esses são parâmetros que dialogam, sendo impossível separar esses parâmetros.

O **Labirinto-não-conseguir-respirar** é uma sensação de estar sozinho e ao mesmo tempo ter a noção de que outras pessoas também se sentem sozinhas. Este labirinto pode ser perturbador, o silêncio sobre (homo) sexualidade nos provoca sensações perturbadoras, esse **Labirinto-não-conseguir-respirar** é justamente a sensação de não conseguir pôr para fora isso que tem dentro de si, essas dificuldades e não conseguir se locomover, não conseguir respirar, em outras palavras, o **Labirinto-não-conseguir-respirar** é predeterminante para que você tenha comportamentos de inibição em relação a si e até mesmo ao seu próprio trabalho.

Essa metáfora do **Labirinto-não-conseguir-respirar** traz uma importante dimensão para a vivência das Bichas Docentes que é exatamente o medo de assumir publicamente sua identidade homossexual, ou ainda o receio de não ter com quem conversar no ambiente de trabalho com tranquilidade sobre sua sexualidade. A metáfora assinala o lugar de medo, receio e as vezes solidão vivenciados pelas Bichas Docentes que temem que suas escolhas pessoais, que suas intimidades, que suas homossexualidades interfiram no espaço público do trabalho.

Por sua vez, a metáfora **Buraco Zona de Conforto** surge como uma tentativa de superação aos medos e receios provocados pelo **Labirinto-não-conseguir-respirar**. Pois, as Bichas Docentes, sabendo do contexto de preconceitos e discriminações que a homossexualidade enfrenta socialmente, inclusive na escola, acabam por se proteger no **Buraco Zona de Conforto** que é se sentir confortável por estar na minha zona de conforto de ser professor gay, em outras palavras, **Buraco Zona de Conforto** é eu saber que sou um professor gay, então pronto eu sabendo já é o suficiente, ninguém precisa saber e eu não quero que saibam.

Há uma oposição entre os confetos **Labirinto-não-conseguir-respirar** e o **Buraco Zona de Conforto** que tangencia os limites entre o público e o privado. Enquanto na metáfora **Labirinto-não-conseguir-respirar** a Bicha Docente tem medo, receio, mas senti vontade de falar sobre sua (homo)sexualidade com os demais, na metáfora **Buraco Zona de Conforto** a Bicha Docente prefere manter sua sexualidade em segredo e se senti confortável em relação a isso. Portanto, enquanto no confeto **Labirinto-não-conseguir-respirar** há um acirrado conflito entre o público e o privado no confeto **Buraco Zona de Conforto** há uma escolha deliberada por manter a sexualidade como privada.

O conflito entre as metáforas **Labirinto-não-conseguir-respirar** e o **Buraco Zona de Conforto** traz uma questão emblemática para as pessoas homossexuais a

questão do “Assumir-se” ou ainda “Sair do armário”, expressão utilizada rotineiramente para o fato de pessoas homossexuais assumirem suas identidades publicamente. Essa questão aparece nas teias do pensamento do grupo pesquisador a partir da metáfora **Essa coisa de se assumir** seja na sala de aula, pra si, ou pro grupo que você faz parte, também é algo muito libertador e gratificante. **Essa coisa de se assumir** é quando você consegue reconhecer em si não mais alguém que si coloca essas barreiras, mas alguém que consegue na verdade lidar com ela.

A ideia proposta pela metáfora **Essa coisa de se assumir** é divergente da ideia apresentada na metáfora **Buraco Zona de Conforto**, pois enquanto no primeiro se assumir é libertador, no segundo manter-se confortável é não se assumir. As ideias propostas por estes confetos são bastante pertinentes, atravessadas por estas ideias nos questionamos: Quais os desafios e conflitos as pessoas que assumem ou não assumem sua homossexualidade enfrentam? Assumir a homossexualidade é uma saída para compreender os conflitos que tangenciam a diversidade sexual do professor no espaço da escola?

É constatável por meio do confeto **Labirinto-não-conseguir-respirar** que ao mesmo tempo em que existe desejo por se assumir no contexto da escola existe também medo e receio. Entre as possibilidades apresentadas pelo grupo para conseguir “respirar” na escola, temos a metáfora **Buraco Zona de Conforto** a partir das quais as Bichas Docentes podem sentir-se confortáveis mantendo seu segredo e temos o confeto **Essa coisa de se assumir** que encoraja as Bichas Docentes a assumirem suas homossexualidade.

Foge de nossos interesses qualquer compromisso em julgar as metáforas produzidas pelo grupo pesquisador, não temos como afirmar o que é mais libertador, assumir ou manter em segredo sua homossexualidade? Na verdade, acreditamos que por mais que seja impossível retirar a sexualidade das fronteiras que borram o público e o privado, a questão do assumir-se deva ser uma questão pessoal e íntima, de escolha daquele que mantém ou não o segredo pra si.

O que ainda nos parece passível que de questionamento é para aqueles que escolhem assumir suas homossexualidades, como tornar isso possível? Para responder esta pergunta recorreremos ao pensamento do grupo pesquisador por meio da metáfora **Me abrir pra conversar** que é uma modo de falar como eu era, o que eu gostava como era minha vida falava sobre os medos no contexto da educação e da homossexualidade. **Me abrir pra conversar** é falar abertamente com as pessoas, que eu tenho uma confiança muito grande para conversar principalmente sobre este tema.

A metáfora **Me abrir pra conversar** traz um importante dispositivo para aqueles que decidam assumir-se no espaço de trabalho: o diálogo. Engendrados em uma Pedagogia da Diferença acreditamos que o diálogo entre os diferentes seja um elemento construtor de relações e práticas educativas pautadas na aceitação do “diferente”.

Porque a mudança nos olha e, ao nos olhar, encontra somente uma reprodução infinita de leis, de textos, de currículos e de didáticas. Mas nenhuma palavra sobre as representações como olhares ao redor do outro. Nenhuma palavra sobre a necessidade de uma metamorfose nas

nossas identidades. Nenhuma palavra sobre a vibração com o outro.(SKLIAR, 2003, p. 40).

Sem dúvidas o espaço educacional deve ser, sobretudo um ambiente para discutirmos e problematizarmos as diferenças, é necessário “vibramos” com o outro, ao invés de atribuímos juízo de valor, com conotações de segregação e exclusões, o “outro”, as Bichas Docentes não estão na contra mão das práticas docentes, pelo contrário, constroem suas práticas nas fronteiras do ato educativo.

## 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto conseguiu através dos confetos das Bichas Docentes, explorar no contexto da educação os desafios que reverberam sobre a homossexualidade docente. De forma geral foi discutido sobre as fronteiras que existem para além da heterossexualidade, desta forma, discutiu-se outras possibilidades no que diz respeito às identidades sexuais dos sujeitos.

Assim, problematizamos as matrizes hegemônicas e que que forma isto se configura no contexto da educação, sobre os padrões e os conflitos que enfrentam os sujeitos ao se aventurarem nas tramas que divergem da heterossexualidade. Explorou-se bastante os marcadores de identidade das Bichas Docentes.

Durante o texto foi problematizado as seguintes interpelações norteadoras: Quais os confetos são produzidos pelos professores gays sobre homossexualidade na educação? O que pensam os professores no que tange a homossexualidade docente? É possível mapear os saberes construídos sobre homossexualidade do professor? e de que forma podemos identificar os conceitos sobre o que é ser um professor gay nos espaços educativos?

A partir disso, foi utilizado como método de pesquisa a sociopoética, esta estratégia se configura como sendo qualitativa e é desenvolvida sobre a convergência de diversas áreas do conhecimento, então é conjugado, sobretudo os saberes pertinentes à arte e da filosofia, como possibilidade de produção do conhecimento.

Para a produção de dados, utilizamos enquanto dispositivo da pesquisa o Parangolé, com o desdobramento do Maracatu. Para fomentar a discussão utilizou-se principalmente: Foucault (1988), Gauthier(2004), Nascimento (2014), Silva (2017), Louro (2004), entre outros. Nas pesquisas sociopoéticas são produzidos confetos (conceito+afeto), neste trabalho podemos citar: Labirinto-não-conseguir-respirar, Buraco Zona de Conforto, Essa coisa de se assumir e Me abrir pra conversar. Essas metáforas problematizam a figura das Bichas Docentes no espaço da educação.

Por fim, com este trabalho conseguimos potencializar as Bichas Docentes e desta forma compreender os conflitos que reverberam sobre os professes gays no âmbito da educação. Discutimos as possibilidades e conflitos que são marcadores da identidade e das práticas docentes.

## REFERENCIA

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **A sociopoética e os cinco princípios:** a Filosofia dos Corpos Misturados na Pesquisa em Educação. In: DAD, Shara Jane Holanda; PETI, Sandra Haydêe; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques. (Orgs.). Tudo que não inventamos é falso: Dispositivos Artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014. p. p. 41-59.

CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo e educação:** desafios para a prática pedagógica. IN: MOREIRA, Antonio F.; CANDAU, Vera M. *Multiculturalismo:* diferenças culturais e práticas pedagógicas. 4 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

DAYRELL, Juarez. **A escola como um espaço sócio – Cultural.** In: DAYRELL, Juarez (Org.). Múltiplos Olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996. de 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>>.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade.** v. 1: A vontade de saber. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRY, Peter; MACRAE ,Edward. **O que é homossexualidade.** São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

GAUTHIER, Jaques. **Metáfora e conceito em pesquisas qualitativas.** Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-4782004000100012&script=sci\\_abstract&lng=pt pdf](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-4782004000100012&script=sci_abstract&lng=pt pdf)> acesso: 08 ago 2017.

LOIOLA, Luís Palhano. **Sexualidade, gênero e diversidade sexual.** IN: COSTA, Adriano H. C.; JOCA, Alexandre M.; LOIOLA, Luís P. (Org.). Desatando nós: fundamentos para uma práxis educativa sobre gênero e diversidade sexual. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho:** ensaios sobre a sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. **Corpo educado pedagogia da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Heteronormatividade e Homofobia.** In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

NASCIMENTO, Romário Ráwlyson Pereira do. **Descolonizando sexualidades e currículo na escola: Confetos produzidos por jovens da Ilha**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí - 2014.

SEDGWICK, EveKosofsky. **A epistemologia do armário**. Cadernos Pagu. n. 01, novembro de 2017 Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>>.

SILVA, Roberto Vinicio Souza da. **A sociopoética das bichas docentes nos labirintos da homossexualidade**. (Monografia – Graduação) Universidade Estadual do Piauí-UESPI. Curso Licenciatura Plena em Pedagogia, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do Currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SKLIAR, Carlos. **A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros"**. Ponto de Vista , Florianópolis, n.05, p. 37-49, 2003. 01 de fevereiro de 2018.

WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade**. IN: LOURO, G. (Org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade Trad. Tomaz T. da Silva. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

**ABSTRACT:** This research sheds light on the challenges that resonates beyond the borders of heterosexuality, this research was explored, taking as general objective: Identify which junction confections are produced by gay teachers about homosexuality in education. While the specifics are: a) Realize the tensions between homosexuality and heterosexuality. b) Map the knowledges constructed on homosexuality from the teacher. c) Reflect on the challenges that reverberate about the figure of the gay teacher in the educational spaces. For this, it is necessary to use a research method, a technique for a data production: Parangolé, with the unfolding of Maracatu. To foment a discussion it was used mainly: Foucault (1988), Gauthier (2004), Nascimento (2014), Silva (2017), Louro (2000), among others. (Concept + affection), in the Market we can mention: Labyrinth-can't-breathe, Hole Zone of Comfort, This thing to take on and open myself to talk. These metaphors construct the plots of teachers in the space of education

**KEY-WORDS:** Space of education. Confections. Homosexuality.

### Sobre os autores:

**Alan Isaac Mendes Caballero** Mestrando no programa de pós-graduação da Faculdade de Educação na UNICAMP, cuja linha é Ciências Sociais. Membro do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Educação e Sociedade (GPPES) da mesma faculdade. Graduado em 2017 pela Faculdade de Educação da UNICAMP em Pedagogia. Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação de Amparo à Pesquisa pelo Estado de São Paulo (FAPESP) durante o período da Iniciação Científica. E-mail para contato: [alanisaac09@gmail.com](mailto:alanisaac09@gmail.com).

**Alessandra Alexandre Freixo** Possui Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997), Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000) e Doutorado em Ciências Sociais pela UFRRJ (2010). Atualmente é Professora Titular do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), atuando principalmente nas seguintes temáticas de pesquisa: educação e ruralidades, imagens e narrativas no mundo rural, estudos de cultura e mundo rural, ensino de ciências no contexto da educação do campo.

**Anna Carla Ferreira de Araújo** Graduanda de Ciências Biológicas - Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Integrante do Programa de Iniciação à Docência (PIBID).

**Anna Cristina Ferreira de Araújo** Graduanda de Ciências Biológicas - Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Integrante do projeto de extensão PIPEx, UFPE. Trabalha na área de biologia vegetal com ênfase em biologia de Briófitas.

**Brenno Fidalgo de Paiva Gomes** Graduação em Educação Artística pela Universidade Federal do Piauí-UFPI; Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI; Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação CAPES; Grupo de Pesquisa: CORPOSTRANS. e-mail: [brenno.fidalgo@gmail.com](mailto:brenno.fidalgo@gmail.com)

**Candida Soares da Costa** Professora da Universidade Federal de Mato Grosso; Membro do corpo docente do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso; Graduação em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso; Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso; Doutorado em Educação pela Universidade Federal Fluminense Grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Relações Raciais e Educação E-mail: [candidasoarescosta@gmail.com](mailto:candidasoarescosta@gmail.com)

**Cynthia Nery da Silva** Graduação em Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid); [cynthianery@outlook.com](mailto:cynthianery@outlook.com)

**Edmar Ferreira Santos** Professor da Universidade do Estado da Bahia. Membro do corpo docente do Programa de Especialização em Educação e Diversidade Étnico-Racial do Departamento de Ciências Humanas, campus VI da Universidade do Estado

da Bahia. Graduado em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia, programa onde atualmente desenvolve pesquisa de doutorado com apoio do Programa de Bolsas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB. E-mail: [estudosafricanos.edu@gmail.com](mailto:estudosafricanos.edu@gmail.com)

**Emanuelle de Oliveira Belisario** Estudante do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (Centro Acadêmico do Agreste) e bolsista do Programa institucional de bolsas de iniciação a docência (Pibid). Email: [emanuelleoliver@hotmail.com](mailto:emanuelleoliver@hotmail.com)

**Érica Monale da Silva Gomes** Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: [mmonale009@gmail.com](mailto:mmonale009@gmail.com)

**Grasiela Lima de Oliveira** Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2015) e Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2012). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação stricto sensu da Universidade Estadual de Feira de Santana – BA (Previsão de término – 2018). Participa do grupo de pesquisa Carta Imagem, coordenado por Alessandra Freixo. Bolsista CNPQ. Atua principalmente nas seguintes áreas: ensino de ciências no contexto da educação do campo, narrativas, educação e ruralidades, formação docente.

**Hellen Cristina de Oliveira Alves** Professor da Faculdade Afonso Mafrense; Psicóloga do Instituto Federal do Piauí; Graduação em Psicologia pela Faculdade Santo Agostinho; Mestranda em Educação pela Anne Sullivan; E-mail para contato: [hellencrisss@gmail.com](mailto:hellencrisss@gmail.com)

**Hercules Guimarães Honorato** Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA/RJ), ano de conclusão 2012. Graduação em Ciências Navais com Habilitação em Administração pela Escola Naval (ano de conclusão - 1982). Especializações em: Gestão Internacional (2007) e MBA Logística (2009) pelo Instituto COPPEAD de Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro; e Docência do Ensino Superior (2008) pelo Instituto a Vez do Mestre da Universidade Cândido Mendes, RJ. Doutor e Mestre em Política e Estratégia Marítimas pela Escola de Guerra Naval (EGN) - Rio de Janeiro, anos de conclusão 2007 e 1999 respectivamente. Diplomado pela Escola Superior de Guerra (ESG) do Rio de Janeiro no Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia (CAEPE-2010). Professor convidado da Escola Superior de Guerra desde 2009, dos Cursos de Altos Estudos de Política e Estratégia e Logística e Mobilização Nacional. Assessor Especial do Superintendente de Ensino da Escola Naval (EN) desde set. 2012 e professor da Disciplina de Metodologia da Pesquisa da mesma IES militar. E-mail para contato: [hghhhma@gmail.com](mailto:hghhhma@gmail.com)

**Isabella Nara Costa Alves** Graduação em Pedagogia pela Faculdade dos Guararapes; Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em raça, gênero e sexualidades Audre Lorde (GEPERGES); E-mail para contato: [isabella.athos@live.com](mailto:isabella.athos@live.com)

**Ivonildes da Silva Fonseca** Possui graduação em Biblioteconomia e documentação pela Universidade Federal da Bahia (1979), graduação em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1990), graduação em Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1992), mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (1995) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2011). Atualmente é professora horista do Centro Universitário de João Pessoa, professor titular da Universidade Estadual da Paraíba, colaboradora - Bamidelê - Organização de Mulheres Negras na Paraíba, coordenadora - Bamidelê - Organização de Mulheres negras na Paraíba, voluntária do Instituto de Referência Étnica e efetivo da Universidade Estadual da Paraíba. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: mulher negra, educação e etnia, escola e sociedade, racismo e legislação. Grupo de pesquisa: Dandê: educação, gênero e representações afro-brasileiras. Email: [vania\\_baiana@hotmail.com](mailto:vania_baiana@hotmail.com)

**Jéssica Dyane da Silva Martins** Graduação em Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid); [jessicamartinsjp@outlook.com](mailto:jessicamartinsjp@outlook.com)

**Lígia Luís de Freitas** Professor da Universidade – Centro Universitário de João Pessoa; Membro do corpo docente da Graduação – Centro Universitário de João Pessoa; Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, com sanduíche na Universidade de Barcelona, na área de currículo. Núcleo/Grupo de pesquisas: Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero (NIPAM); Grupo de pesquisa interdisciplinar Música, Corpo, Gênero, Educação e Saúde (MUCGES)

**Lilian Gabriella Castelo Branco Alves de Sousa** Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí-UFPI; Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI; Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação CAPES; e-mail: [gabriellaufpi@outlook.com.br](mailto:gabriellaufpi@outlook.com.br)

**Luciana Menezes de Lima Mendes** Graduação em andamento em Pedagogia. Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil. Ensino Médio (2º grau). Dona Leonor Porto, DLP, Brasil

**Maria Joselma do Nascimento Franco** Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo -USP (2005), professora associada da Universidade Federal de Pernambuco, Coordenadora (Pibid) fomentado pela CAPES - Subprojeto Pedagogia do Centro Acadêmico do Agreste, pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea - PPGEduc. Email: [mariajoselmadonascimentofranco@gmail.com](mailto:mariajoselmadonascimentofranco@gmail.com)

**Maria Juliana Chaves de Sousa** Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS; membro do grupo de pesquisa Centro de Estudos e Documentação em Educação – CEDE da UEFS.

**Maria Raquel Alves da Rocha** Atualmente desenvolve pesquisas sobre cultura cigana, abrangendo a performance nos rituais ciganos e suas manifestações artísticas. É professora do curso de Artes Visuais na Universidade Federal do Piauí - UFPI e cursa mestrado em Antropologia, pela UFPI. É graduada em Licenciatura em educação artística, com habilitação em Artes Plásticas; é especialista em Arteterapia em Educação e também especialista em Dança e consciência corporal. É docente da Secretaria de educação e cultura do estado do Piauí (SEDUC-PI). A autora é artista designer e bailarina e já desenvolveu trabalhos em danças ancestrais no estado do Piauí. Seu e-mail é [raquelalvesrocha@hotmail.com](mailto:raquelalvesrocha@hotmail.com)

**Maysa Conceição de Farias Albuquerque** Estudante do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (Centro Acadêmico do Agreste) e bolsista do Programa institucional de bolsas de iniciação a docência (Pibid). Email: [maysa.albuquerque@outlook.com](mailto:maysa.albuquerque@outlook.com)

**Nágib José Mendes dos Santos** Professor da Universidade Federal de Alagoas/UFAL – Campus A.C. Simões; - Membro do corpo docente do Curso de Letras-Libras Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas. Graduação em Filosofia Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas. Mestrado em Educação Brasileira do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/CEDU/ Universidade Federal de Alagoas. Participante do Grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos em Educação e Diversidade – NEEDI. E-mail para contato: [nagibem@gmail.com](mailto:nagibem@gmail.com).

**Osdí Barbosa dos Santos Ribeiro** Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Maria Milza – FAMAM e em Letras Português/Inglês Pelo Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR; especialista em MBA Gestão de Pessoas e em Gestão Escolar pela Faculdade Batista Brasileira - FBB, em Educação do Campo e Desenvolvimento Rural Sustentável pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias – FAC; mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS; membro do grupo de pesquisa Carta-Imagem - UEFS; bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. Atuando principalmente nos seguintes temas: educação do campo, projeto político pedagógico, práticas pedagógicas em ambiente hospitalar, educação e formação docente. E-mail para contato: [osdi.art@hotmail.com](mailto:osdi.art@hotmail.com).

**Paula Paulino da Silva** Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: [paulinha.s90@hotmail.com](mailto:paulinha.s90@hotmail.com)

**Rafael Gomez da Silva Carneiro** Graduação em Direito pela UNINOVAFAPI; Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí; Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação CAPES; Grupo de Pesquisa: CORPOSTRANS. e-mail: [rafaelgomezcarneiro@gmail.com](mailto:rafaelgomezcarneiro@gmail.com)

**Rayane dos Santos Borges** Graduação em Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid); [santosborges1897@outlook.com](mailto:santosborges1897@outlook.com)

**Roberto Vinicio Souza da Silva** Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí UESPI – Campus Parnaíba – Vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Juventudes (NEPJUV/UFPI-Parnaíba)

**Romário Ráwlyson Pereira do Nascimento** Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí UFPI – Campus Parnaíba – Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí UFPI – Vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação, Gênero e Cidadania (NEPEGECI) – Professor do Município de Luis Correia - PI

**Rosemary Meneses dos Santos** Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Castelo Branco – RJ – Especialista em Libras pela Faculdade de Ciências e Tecnologia de Teresina – FACET/CCTP e Especialista [Psicopedagogia](#) pela ISEPRO em Parnaíba. Professora do Município de Tutóia - MA

**Silvana Nóbrega Gomes** Professora do Centro Universitário de João Pessoa; Graduado em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB; Mestre Em Educação Física e Esportes pela Universidade de Granada/Espanha UGR/ES; Doutora em Educação Física e Esportes pela Universidade de Granada/Espanha UGR/ES; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid)-Coordenadora pedagógica. [Silvana.n.g@hotmail.com](mailto:Silvana.n.g@hotmail.com)

**Suely Marilene da Silva** Graduada em Licenciatura em Ciências Sociais Instituição Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Formação em Pedagogia pela Instituição Universidade Vale do Acaraú – UVA; Pós-graduada em Gestão Escolar e Coord. Pedagógica Instituição Faculdade de Saúde de Paulista – Fasup; Pós-graduada em Psicologia Organizacional e do Trabalho Instituição Faculdade de Saúde de Paulista – Fasup

**Suzana dos Santos Cirilo** Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: [suzana.182009@hotmail.com](mailto:suzana.182009@hotmail.com)

**Tamires de Campos Leite** Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas. Graduada do Curso de Letras-Libras Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas. E-mail para contato: [ttamireslleite@gmail.com](mailto:ttamireslleite@gmail.com).

**Valdeci Silva Mendes** Técnico Administrativo em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso; Graduação: em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso; Mestrado: em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso; Doutorando: em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso; Grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Relações Raciais e Educação; E-mail: [valdeciconexoes@ufmt.br](mailto:valdeciconexoes@ufmt.br)

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-93243-77-6

